



Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 1437

Cota n.º 5.4
4503

da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Carnaval Sagrado e Profano

Moutinho Pereira

Assunto: Carnaval

DN Magazine n.º 178, 25.02.1990

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação

III magazine

CARNAVAL



SAGRADO E PROFANO

7E
MANEJ



Datas

ANO NOVO CHINÊS

O calendário chinês tem um ciclo diferente da-
quele que nós conhecemos. Para este povo come-
çou agora o Ano do Cavalo, e o início do novo
ciclo anual foi assinalado com uma grande festa
nas ruas de Macau.

13



Personagens

CHURCHILL: PINTOR NA MADEIRA

Em 1950, depois do seu partido ter perdido as
eleições, Winston Churchill chegou à Madeira e
foi recebido por uma multidão de admiradores.
Madeirenses vieram para as ruas do Funchal
para aplaudir o grande herói da guerra, que, na ilha,
se entregou à sua paixão pela pintura.

18

Fitas

DIANNE WIEST DEPOIS DO ÓSCAR

22

Itinerários

PEDRAS ESCULPIDAS PELO TEMPO

26

Recantos

OS CLUBES NOCTURNOS DOS ANOS 20

32

Exclusivo

BERLIM AINDA OCUPADA

40

Faca & Garfo

REQUINTE E PALADAR

45

Andar à Moda

SAIAS AMPLAS

48

Ao Volante

CARRO NOVO EM BELÉM

52

Ângulos

HOBBYFOTO

58

Bica Escaldada

O CALOTEIRO

62

Director:
Dinis de Abreu

Directores-adjuntos:
Helena Marques
M. Bettencourt Resendes

Redacção:
António Carvalho (coordena-
dor), Albano Melo, Elisabete
França, Falciana Ferreira, J.
Rodrigues da Silva, Moutinho
Pereira

Reportagem fotográfica:
Alvaro Tavares, Bruno Peres,
Eduardo Tomé, Fernando
Farinha

Gratuito:
João Candelas
Fernando Borges, João Paulo,
Oliveira

Redacção e Administração
e Publicidade
Av. da Liberdade, 206 - 1200
LISBOA - End. telegr. NOTI-
CIAS - Telex 12378 - Telef.
86 11 51-58 25 05
54 81 04 (PPCA 20 linhas)

Fotocomposição:
Diário de Notícias / Lisboa

Montagem:
DTAQ / Linda-e-Velha

Fotótipo e impressão:
Mirandela & C. Imão
Lisboa

DEPÓSITO LEGAL N.º 359293

ISSN 0870-8940

CARNAVAL A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

Para começar, digam-se: o Carnaval é uma questão de vida ou de morte. Tal qual assim. E se, hoje, está transformado em festa morrinhenta, domesticada, comercializada e com brasileiros de importação à mistura, o caso explica-se em duas penadas: deu-se a profanação do sagrado. Nada de grave, porque este subsiste, persiste, está presente, apesar de tudo — e de muitos.





Foto LAMBERTO SCIPIONE

O ciclo das estações terminou. Ainda restam vestígios da rigorosa invernia, embora os dias comecem a ser mais longos — notaram-no os sacerdotes medindo-os sobre as pedras levantadas. Quando, por fim, estão seguros de que o Sol venceu a batalha sobre as forças que o prendiam do lado da noite, a festa começa. É então que o tempo precisa de tempo para se reactualizar e os homens para se reorganizarem. Neste «entre», é o caos que reina, a ordem subverte-se, os deuses são convocados a prestar auxílio a quem os cultua. Cultuar e cultivar nascem da mesma raiz.

A esta festa, em que se regressa, reencontrando-o, ao tempo original, se chama hoje Carnaval. Melhor seria talvez chamar-se-lhe a festa da sagração da Primavera. E se agora se prolonga por três dias, ainda recentemente de iniciava a 26 de Dezembro (recorde-se que, a 22, a luz e a treva se equilibram no solstício de Inverno e, a partir de então, os dias começam «a crescer»). Ou a 6 de Janeiro, agora Dia de Reis, quando a vitória se torna definitiva e o dia vence, glorioso, a noite e os medos ancestrais da humanidade.

O CICLO DA VIDA E DA MORTE

O que é, hoje, para nós, uma brincadeira era, antes, uma profunda manifestação de religiosidade — sendo ainda de admitir que nestes três dias se reúnem, sincreticamente, várias cerimónias dos cultos antigos, pagãos, na Natureza.

Como nestas coisas o melhor é começar pelo princípio, desça-se na «máquina do tempo» até às sociedades agro-pastoris, pois falta a documentação relativa ao estádio anterior, dos caçadores-recolectores. Anote-se que a criatividade religiosa deva ter sido despertada não pelo fenómeno empírico da agricultura, mas pelo mistério do nascimento, da morte e do renascimento, patente nos ciclos da Natureza.

«O tema mítico dos deuses que morrem e ressuscitam», di-lo Mircea Elfade e todos os antropólogos o repetem, «figura entre os mais importantes» e, em certos casos, essas «encenações arcaicas darão origem a novas criações religiosas». E cita, como exemplo «Eleusis, os mistérios greco-orientais».

Desde a concepção pré-histórica do cosmos que o Universo é tido como um organismo que deve renovar-se

periodicamente, noutros termos, todos os anos, pois «os ritmos cósmicos são expressos em termos de vida vegetal».

Que tem isto a ver com o Carnaval? Tudo, porque este entendimento das coisas obriga ao *refazer ritual de cada ano novo*.

A DEUSA DOS MUITOS NOMES

Em Catal-Huyuk, na Anatólia, comunidade urbana de há cerca de sete mil anos, os arqueólogos encontraram, nos 40 santuários escavados até 1965, numerosas representações de deuses, tanto em pedra como em argila. A principal das divindades, vinda de tempos anteriores como o provam as Vénus Calipíguas do Neolítico, é a Deusa-Mãe, apresentada sobre três espectros: como jovem mulher, como mãe dando à luz um filho (ou um touro) e como velha (às vezes acompanhada por uma ave de rapina).

Esta a deusa — ligada às estações, à vida e à morte e ao renascimento — será omnipresente ao longo de todas as civilizações e em todo o mundo. Dela se voltará a falar aqui, pois o Carnaval está-lhe ligado, pertence-lhe por direito próprio.

Antes, porém, da Anatólia salte-se para a Suméria, de onde nos chega já ▶

CARNAVAL

o apoio da palavra escrita. As «tabuinhas» dos arquivos de palácios e templos, depois de decifradas as escritas cuneiformes, falam-nos directamente de uma ordem cósmica continuamente perturbada pela Grande Serpente, que ameaça reduzir o mundo aos «caos», em consequência dos crimes e dos erros da humanidade. Crimes e erros que têm de ser expiados, «purgados», por meio de diversos ritos. Depois, há que recriar o mundo, com a festa do ano novo, que se chamava *a-ki-til*, ou seja, «força que faz reviver o mundo».

O texto babilónico *Enuma Elish*, em que se enumeravam os passos da criação do Mundo, era recitado nos templos por ocasião do quarto dia da festa do Ano Novo, denominada *Zagmuk* (começo do ano) em sumério, *Akitu* em acádio e tinham lugar durante os primeiros 12 dias do mês de Nisan.

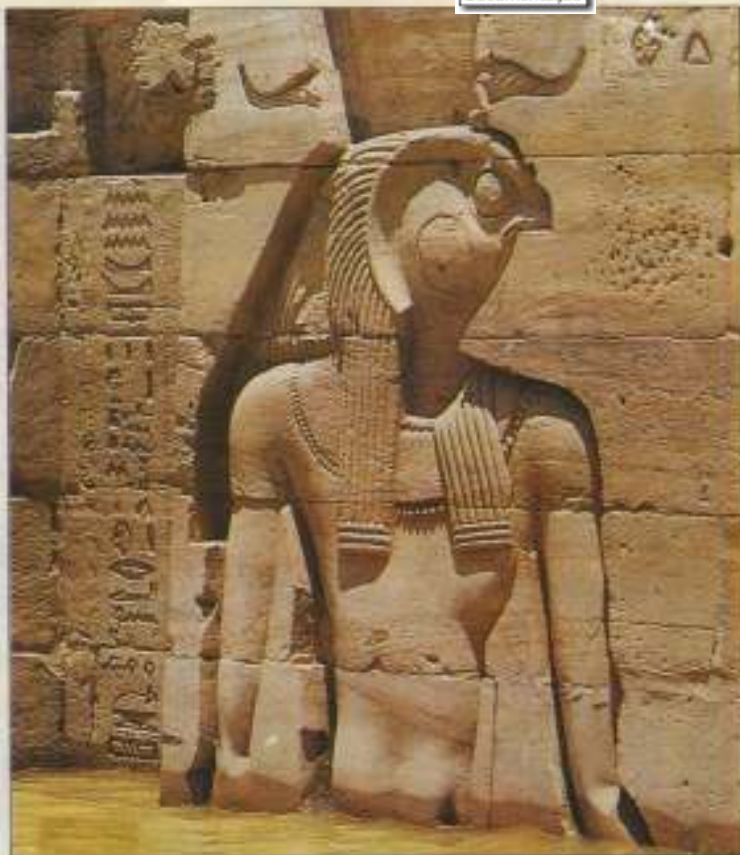
Com o apoio de Eliade, que nem por ter sido fascista é menos seguro nestas coisas, «a *akitu* representa a versão mesopotâmica de uma encenação mítico-ritual bastante difundida». Acentuando que a festa do Ano Novo era considerada «uma repetição da criação do mundo» sendo a regeneração periódica do cosmos «a grande esperança das sociedades tradicionais», adianta: «Vários episódios da *akitu* são encontrados — para nos limitarmos ao Próximo Oriente — no Egito, entre os Hititas, em Ugarit, no Irão, entre os Mandéus.» O Carnaval? Leia-se o que se segue: «Assim, por exemplo, era expresso por excessos orgiásticos, do tipo Saturnália, pela perturbação de toda a ordem social, pela extinção dos fogos e pelo retorno dos mortos (representados por máscaras). Os combates entre dois grupos de figurantes são atentados no Egito, entre os Hititas e em Ugarit.»

RENASCER DOS MORTOS

Talvez seja, então, agora, a altura de olhar para o Carnaval como uma cerimónia religiosa e iniciática, pois toda a iniciação implica uma morte e uma ressurreição ritual.

Osíris, olha! Osíris, escuta! Osíris, ressuscita?, incita Horo, depois de ter vencido Seth em combate. Osíris, de quem Isis juntou o pedaços esparsos e que regressa à vida enquanto «pessoa espiritual» (alma) e energia vital, passando a assegurar a fertilidade, a fecundidade, o crescimento, torna-se, depois, em origem e fundamen-

Horus, o vencedor de Seth, a noite, o profundo, o subterrâneo



to de toda a criação, como proclama alto este bellissimo texto:

*Vivendo ou morrendo, eu sou Osíris
Penetro em ti e reapareço através de ti
deinho em ti e em ti crio
(...) cubro a Terra
Vivendo ou morrendo, sou a Cevada
Ninguém me destrói
Penetrei na Ordem
Sou o Senhor da Ordem
Ressurjo na Ordem.*

Osíris foi assassinado e desmembrado por Seth devido à sua ignorância. Ele, simplesmente, não «sabia», não conhecia a verdadeira natureza de Seth. «Reconstituído» por Isis e resuscitado por Horo, inicia uma nova fase de existência, torna-se um iniciado.

Para não alongar demasiado, diga-se que a «morte» ritual se alcança através da «imolação» ou de um regresso *ad uterum*. E assim temos na tradição germânica o grande deus Odin, ferido por uma lança e pendurado na árvore da vida, durante nove noites, sacrificando-se «ele próprio a ele próprio» a fim de obter a sabedoria (sacrifício ritualmente repetido, em Upsala, ainda no século XI, de nove em nove anos, com o enforcamento de nove homens), ou a proclamação do *Satapatha Brahmâne*: *o homem nasce três vezes; a primeira de seus pais; a segunda, quando realiza um sacrifício...; a terceira quando*

morre e é colocado sobre o fogo e, em cima desse fogo, volta a existir.

Estamos agora na Grécia, onde durante dois mil anos se celebraram os mistérios de Eleusis. O primeiro santuário, construído no século XV a.C., era de uma extrema simplicidade: uma câmara com duas colunas internas, sustentando o tecto.

Dos mistérios menores chegaram até nós descrições de várias fontes, pois as primeiras etapas das iniciações não eram secretas — o mesmo já não acontece em relação aos grandes mistérios, as *teletai* e à experiência máxima, a *epoptisia* que nunca foram divulgados.

Os pequenos mistérios celebravam-se uma vez por ano, durante o mês de *Anthesterion*, na Primavera. O cerimonial realizava-se em Agras, nos arredores de Atenas, compreendo jejuns, purificações e sacrifícios. Mas, para o nosso Carnaval, interessa-nos sobretudo um outro ritual, já dos grandes mistérios, que se prolongava por oito dias, e em que participavam «todos os que tinham as mãos puras», no mês de *Boedromion* (o terceiro do calendário ateniense, correspondendo a Setembro-Outubro).

O ponto culminante das cerimónias públicas registava-se no quinto dia dos festejos. Ao alvorecer, saía da cidade uma enorme procissão, a caminho do mar. Os objectos sagrados, trazidos de Eleusis no primeiro dia e dispostos no *Eleusinion* de Atenas, eram transportados por sacerdotisas,



É preciso que a semente morra para que renasça. Toda a iniciação implica uma morte e uma ressurreição

Perto do fim da tarde, a procissão atravessava uma ponte sobre o rio Cefiso, onde homens mascarados lançavam insultos sobre os cidadãos mais importantes, dedicando-se a noite a danças e canções em honra de Deméter e Persefona. E diga-se que Deméter era uma deusa profundamente ligada à agricultura, sendo admissível, com base em muitos indícios, que os mistérios de Eleusis eram solidários de uma mística agrícola.

E que dizer de Orfeu, aquele que «mostrou as tochas de mistério indizíveis», segundo Eurípedes? Também ele foi desmembrado, quando subia ao monte Pangeu, para cantar a Apolo, o Sol, com a sua lira, por ter irritado outro deus, Dionísios. Morte que mostra dois tipos de iniciação em conflito, os *orgia* dionisiacos em que se chegava a certa união entre o humano e o divino de modo temporário e à custa do aviltamento da consciência e a *katharsis*, o método apolíneo de sublimação.

Nas festas públicas dos discípulos de Orfeu, de Dionísios, de Baco, assentará também boa parte daquilo a que chamamos, hoje, Carnaval, sem o conhecimento de que, por trás das máscaras, das chocarrices, dos «reis momos» se esconde a reatualização ritual do mundo.

O TESTEMUNHO DE APULEIO

Rema levantou-se sobre o mundo grego, este sobre o mundo a oriente.

Em Rema, o sincretismo dos antigos cultos atinge o auge. A cada conquista das legiões, o deus, ou deuses, do território submetido passa a adornar o panteão dos vencedores.

Em *O Burro de Ouro*, Apuleio conta-nos, no Sec. II d.C., uma história cheia de histórias, entre elas a de um «Carnaval». O herói deste aventuroso romance vê-se transformado em burro, mas *continua a pensar como um homem*.

No fim do livro, consegue escapar-se a uma (mais uma...) situação chocante e refugia-se numa praia, onde adormece. Acorda já noite, a lua cheia «resplandecente de admirável brilho, emergindo então das ondas do mar».

Dirige-se ao mar e «mergulhando a cabeça nas ondas sete vezes, número que o divino Pitágoras declara ser especialmente adaptado à religião», faz uma súplica emocionada «à augusta imagem da deusa presente», a deusa de muitos nomes, de que ele próprio invoca alguns: rainha do céu, Ceres, Vénus, a «irmã de Febos», Proserpina «a da triforme face».

A deusa ouve-o, aparece-lhe e apresenta-se(lhe nos seguintes termos: «Eis-me aqui, ó Lucio (...) eu que sou a natureza, mãe das coisas, a senhora de todos os elementos, a primordial progénie dos séculos, a suprema das divindades, a rainha dos mortos, a primeira dos celestiais (...)).»

Diz-lhe ser quem governa «as alturas luminosas do céu, as saudáveis

brisas do mar, os deploráveis silêncios do inferno». E dá a Lucio, na sua forma de burro, os nomes porque é conhecida: a mãe dos deuses frígios, Passnuntica; a Minerva Cecrópia dos áticos; a Vénus Páfia dos ciprios; a Diana Dictina dos cretenses; e Proserpina e Ceres e Juno e Belona e Hécate e Ramnúsia. E termina: *os etíopes, os ários e os egípcios, abalizados na antiga ciência, adoram-me com cerimónias próprias, me chamam-me pelo meu verdadeiro nome, a rainha Isis*. O ciclo completou-se.

A deusa diz a Lúcio que terminaram os seus tempos de provação. No dia que vai nascer dessa noite, a ela consagrado pela «religião eterna» irá realizar-se a procissão em sua honra. Bastará ao «burro» comer «as rosas brancas» que um sacerdote levará na mão direita, «junto ao sistro».

O dia que nasce é um dia de Primavera, di-lo o autor textualmente (porque *um dia quente e brando tinha sucedido de repente ao dia gelado da véspera, de sorte que as sonoras aves, gostosas do calor da Primavera...*) e com o seu nascimento começa a procissão, que tem mascarados de soldados, caçadores, gladiadores, filósofos, pescadores e até outro, tendo *socos dourados, vestido de roupa de seda, com precioso ornato e cabelos postiços na cabeça e com um andar requebrado, fingia ser mulher*. Havia, também, máscaras de magistrados e animais mascarados: uma urso, de matrona; uma maçaça de pastor escanção, um burro «a que se tinham colado asas (...) marchava junto a um velho manco» representando Belerofonte e Pégaso.

A procissão avança, *entre estes jogos divertimentos do povo, com a sua própria solenidade — a pompa particular da deusa salvadora*, diz Apuleio — com mulheres esplêndidas «vestidas de branco» e «floridas com coroas de Primavera», espalhando flores pelo chão, à passagem do cortejo.

Lúcio segue os conselhos da deusa e volta à forma humana, para assistir a uma curiosa cerimónia:

Entre estas cousas e o tumulto dos festivos votos, caminhando vagarosamente, chegámos à praia do mar onde o sumo sacerdote dedicou e consagrou à deusa um navio artificialmente construído onde tanto religiosos como profanos amontoam à porfia joieiras cheias de aromas e de todo o género de ofertas (...) até que o navio,

CARNAVAL

cheio de copiosas dádivas e de faustas deprecações, solto dos cabos da âncora, foi lançado ao mar, com um vento particular e sereno.

A ORIGEM DA PALAVRA

A esta cerimónia, que abria o mar à navegação depois da invernia, se chamava *currus navalis*, onde não será difícil encontrar a origem da palavra Carnaval.

Contudo, esta etimologia tem sido contestada, a favor de *carne vale* (adeus carne) ou *carnelevamen* (supressão da carne) expressões directamente relacionadas com o período de jejum e abstinência decretado pela Igreja Católica para o período quaresmal. *Carnelevamen*, aliás, vem directamente do nome dado pelo Papa Gregório Magno (séc. VI) ao domingo anterior à Quaresma, *dominica ad carnes levandas*.

Aqui para nós, diga-se baixinho, a verdade é que tanto a Igreja como os poderes absolutistas foram os piores inimigos da grande festa, pagã por excelência, conhecida por *curros navalis* (carro naval), que Apuleio descreve — as diversões próprias da Primavera, com cortejos marítimos ou carros alegóricos em forma de barco (referenciadas desde o séc. VI a. C.).

Com efeito, na Primavera, tanto na Grécia como no Império Romano, nos países teutónicos e nos celtas faziam-se procissões em que se passeava um barco sobre rodas, acompanhado por mascarados e sobre ele desenrolavam-se danças «licenciosas», acompanhadas por canções satíricas, sarcásticas e obscenas.

Próximo de nós, a tradição do carnaval, segundo uma antiga enciclopédia castelhana, estava ainda em vigor em Reus, «onde uma embarcação de 70 ou mais toneladas, colocada sobre um atrelado, é puxada por 10 ou mais parelhas de cavalos, sendo tripulada por vários homens vestidos de marinheiros, que lançam flores e doces aos espectadores».

Tácito, na *Germania*, faz referência a estes festejos, acentuando-lhes o fundo religioso. Os Teutões dedicavam o *currus navalis* à deusa Herta, ou Nerta, a Mãe-Terra, simbolizada por vezes por um arado. Anote-se que esta prática das procissões primaveris já vigorava entre os povos teutões, celtas ou celtizados, antes da difusão do culto de Isis, trazido por Roma do Egipto e difundido a todo o Império.



A partir do mastro se reordenava o espaço. Ainda hoje, o pelourinho e o cruzeiro assumem essa função, perdidos os tempos dos reis-sacerdotes

AS MÁSCARAS

Hoje, Carnaval sem máscaras não faz sentido — apenas se perdeu o sentido religioso da máscara, profanando-a. O simbolismo da máscara é assunto demasiado extenso para ser tratado aqui, a não ser de passagem, deixando pistas a quem o quiser aprofundar.

Digamos que a máscara pode ter três funções: esconder, representar, ou encarnar, em quem a usa, a «entidade» nela exposta, como acontece com a figura pré-histórica do «feitiçeiro» na Gruta dos Três Irmãos (Dordonha, França), vestido de cer-vídeo.

A máscara de Carnaval, por seu lado, «significava» o regresso dos mortos a este plano de existência,

conturbado pelo regresso ao Caos. No Ano Novo, durante as celebrações das festas de Baco e de Saturno, invocava-se o favor dos «larvas», o espírito dos mortos, crendo-se que a melhor maneira de os apaziguar era a de os antropomorfizar. Os que personificavam os mortos vestiam-se de branco e escondiam o rosto sob uma máscara.

As máscaras carnavalescas terão começado aqui, segundo alguns autores, o que parece ser uma opinião algo redutora, dada a implantação deste costume em toda a parte do mundo, desde os tempos mais recuados.

Para mais, como se verificou, não apenas os mortos eram «representados» nas festas primaveris.

Não se pode, porém, pôr de parte



CARNAVAL NAS CATEDRAIS



«Outras cerimónias especialmente atractivas para o povo se mantiveram aí durante o belo período medieval. Foi a Festa dos Loucos — ou dos Sábios — quermesse hermética processional, que partia da igreja, com o seu Papa, os seus dignitários, os seus entusiastas, o seu povo — o povo da Idade Média, ruidoso, travesso, chistoso, transbordante de vitalidade, de entusiasmo e de ardor — e se espalhava pela cidade...

(...)

Ah! a Festa dos Loucos, com o seu carro do Triunfo de Baco, conduzido por um centauro e uma mulher centauro, nus como o próprio Deus, acompanhado pelo grande Pã; carnaval obsceno tomando posse das naves ogivas! Ninfas e ninfades saindo do banho; divindades do Olimpo sem nuvens e sem efeitos: Juno, Diana, Vénus, Latona reunindo-se na catedral para aí ouvirem missa! E que missa! Composta pelo iniciado Pierre de Corbeil, arcebispo de Sens, segundo um ritual pagão e em que as paroquianas do ano 1220 soltavam o grito de alegria das bacanais: *Evohé! Evohé!* — e os homens do coro, em delírio, respondiam:

Haec est clara dies clararum clara dierum!
Haec est festa dies festarum festo dierum!
(Este dia é cèlebre entre os dias cèlebres!
Este dia é dia de festa entre os dias de festa!)

Foi ainda a Festa do Burro, quase tão faustosa como a precedente, com a entrada triunfal, sob os arcos sagrados, de mestre Aliboron, cujos cascos pisavam outrora a calçada judia de Jerusalém. O nosso glorioso Chrisphoro era aí celebrado num ofício especial em que se exaltava, após a epístola, esse poder asinino que valeu à Igreja o ouro da Arábia, o incenso e a mirra do país de Sabá ou Caba, os cabalistas em pessoa.

(...)

Fulcanelli in «O Mistério das Catedrais»
Colecção Esfinge — Edições 70

CARNAVAL

este aspecto carnavalesco relativamente aos «espíritos maus», tanto no sentido de os apaziguar como de os afugentar. Estão registados (e ainda se mantém) inúmeros costumes supersticiosos relacionados com a festa, relativos sobretudo à agricultura e à vida quotidiana. O hábito de se acender uma fogueira de palha e gravetos e queimar nela um gato ou um espantalho — prática residual dos antigos sacrifícios rituais pelo fogo —, a fim de afastar os «espíritos maus», os poderes maléficos, bruxos ou feiticeiros, continua a ser praticado na Europa, sobretudo nos países anglo-saxónicos e germânicos. O fogo e o fumo, numa funda tradição indo-ariana — sacrificial e em alguns casos xamânica —, abastardou-se na crença popular de que possuem a virtude de proporcionar boas colheitas e livrar os homens das influências nefastas dos espíritos.

O «ENTERRO DO ENTRUDO»

Curiosamente, o enterro ritual de Osiris, ou de Orfeu — numa palavra, dos deuses que se sacrificam e renascem, pondo ordem no mundo —, ainda hoje está presente, no chamado «enterro do entrudo», ou «enterro do Carnaval». A propósito diga-se que a palavra entrudo, do latim *introitus*, significa *entrada*.

Este curioso enterro continua a praticar-se, na Quarta-Feira de Cinzas, em França, Itália, Espanha, Portugal e Brasil — quem não se lembra da impagável cena da morte de *Vadinho*, em *Dona Flor e seus Dois Maridos!* —, mas assume particular importância em Reus, nos arredores de Barcelona, onde conservou características pagãs.

Enquanto, em geral, se «enterra» o Carnaval de uma vez, nesta cidadezinha catalã enterra-se na quarta-feira o tronco do boneco que representa o Carnaval, no dia seguinte, a primeira quinta-feira da Quaresma, enterra-se um braço, depois o outro, depois um pé e assim por diante, «sempre com grotescas comitivas formadas por personagens e carros (alegóricos) representando sátiras políticas e burlescas satíricas a todas as instituições religiosas», segundo vernácula enciclopédia castelhana. Será que, nos tempos pós-franquismo, se retomou esta tradição que noutros pontos da Europa, como em Hesse e em Veneza, se chama «enterro do Baco»?

E quem se recorda que, nas Saturnais, em Roma e nas províncias do



A «cerimónia do enterro» continua em Portugal, a recordar a morte de Inverno, o bruxo rosto da Deus Mãe, a de muitos nomes

Império, os legionários escolhiam de entre eles, 30 dias antes da festa, o mais belo de entre eles, elegendo-o rei, com prerrogativas e vestes reais? No dia da festa, obrigavam-no a matar-se diante do altar de Saturno, o deus que personificara...

NA IDADE MÉDIA

Nem o duríssimo combate travado pela Igreja católica e, depois, a protestante, contra o paganismo e seus vestígios foi capaz de apagar fenómenos vindos de uma religiosidade anterior, muitíssimo anterior mesmo.

Verificaram-se, em consequência dessa luta, dois fenómenos paralelos. Por um lado, os conhecimentos transmitidos pelos antigos mistérios «ocultaram-se» ou, para utilizar a linguagem de hoje, mergulharam na clandestinidade, através das associações profissionais em que as transmittiam os segredos do ofício, que só desapareceriam na Europa com a Era Industrial. Ou em grupos ainda mais restritos.

Por outro lado, os aspectos «abertos» dos antigos cultos, em que toda a gente participava, popularizaram-se (no sentido de «tornaram-se populares») perdendo frequentemente o seu carácter sagrado, ou sendo incorporados em festividades religiosas cristãs.

Assim aconteceu com o Carnaval, contra o qual se levantaram as vozes de padres e de alguns papas, horrorizados com as «desordens» desses dias entre as suas ovelhas. No concílio de Ulm, no início do séc. XVI, proíbe-se terminantemente que se faça a procissão primaveril do carro (bar-

co) ou do arado nos arredores da cidade. O que não impediu que certas composições dramáticas do novo Carnaval germânico fossem escritas por dignidades eclesiásticas, como Hans Sacho, mestre de canto de Nuremberga.

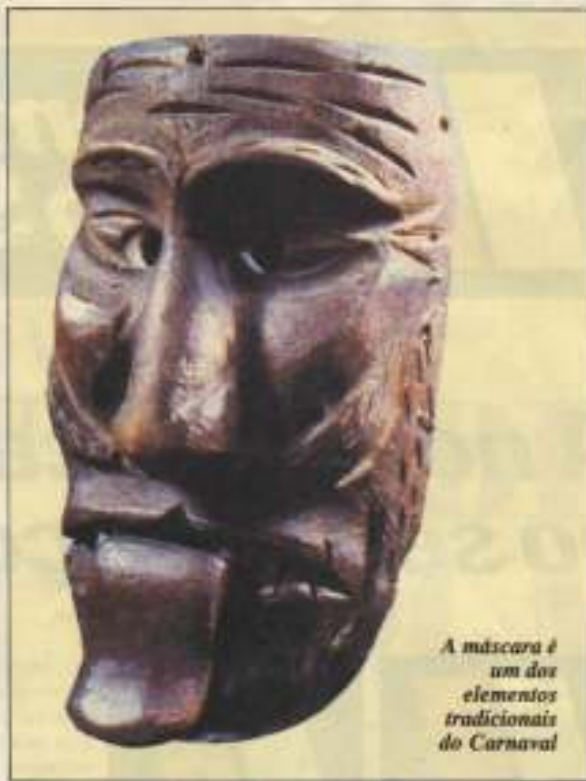
Chegaram-nos reletos das «novas» festas, como a de segunda-feira de Carnaval, a que em má tradução para o português se chamavam «Segunda Feira do Cervo» — esclareça-se que o cervo, ou o veado, é um dos símbolos da *Axis-Mundi*, o Eixo do Mundo, e basta ler *As Brumas de Avalon* para se saber do papel deste «animal» em carminias célticas. Neste dia, os *farsantes* (i.e. os actores que desempenhavam a farsa) discursavam vestidos de peles e ornados de chifres, imitando cervos. No dia seguinte, era a Ferta dos Loucos (ver caixa) que se celebrava.

A Reforma e a Guerra dos 30 anos foram a principal causa da decadência do Carnaval na Alemanha, que voltou a ser restaurado no princípio do século XIX, particularmente na Renânia. Assiste-se em 1823 à reconstrução do Carnaval de Colónia, em 1868 aos de Berlim, Hamburgo e Leipzig. Em todos eles, os *carros navalis* regressaram triunfalmente.

Na Munique de antes da guerra, de sete em sete anos, na noite de terça-feira, celebra-se a *Dança dos Taneiros*, resto de uma «tradição de ofício», em que estes vestidos à moda dos séculos passados, dançam em volta de um tonel. Outra «Festa do Ofício», a *Metzgersprung* (o salto de carneiro) tinha lugar na segunda-feira, consistindo na imersão (baptismo) dos novos associados na piscina da



*O folclore
conservou a
tradição de
subir ao
mastro, no
topo do qual
um prêmio
aguardava
quem lá
chegasse. O
terço inferior
do pau era
ensebado,
para dificultar
a proeza*



*A máscara é
um dos
elementos
tradicionais
do Carnaval*

fonte da Marienplatz. O ritual está documentado até 1903 e desde então realiza-se de vez em quando e já despedido do seu cunho mais profundo.

Costumes semelhantes tinham lugar na Áustria, na Suíça e na Hungria.

O «BOI GORDO»

Até anos nossos dias chegou a fama dos carnavais de Veneza, de Paris e de Florença, sendo este último famoso pela libertinagem, de que dão uma ideia as Trovas carnavalescas de Lourenço de Médicis. No de Roma disputavam-se corridas de cavalos e batalhas de flores e de cofetis.

Nos últimos anos do século passado, o Carnaval mais in era o de Paris, que se revestia de luxo e riqueza singulares. Carroças tiradas por cavalos, artisticamente decoradas, com flores e verduras, percorriam as principais ruas parisienses e, até 1897, era obrigatória a passeata do «boi gordo», escolhido pelas suas grandes dimensões (o de 1842 pesava 1900 quilos).

A festa do «boi gordo», que se juntou à do Carnaval, vem de datas muito recuadas. Alguns historiadores defendem que se trata de um vestígio do paganismo greco-romano, por sua vez retirado da festa egípcia ao boi Apis. Como saber? O certo é que em tempos anteriores ao Cristianismo, os gauleses, no Equinócio da Primavera, sacrificavam um touro, que recobriam com uma espécie de estola, costume depois adoptado pelos francos. O sacrifício ritual do touro transforma-se aia, durante a Idade Média, na festa da corporação dos carneiros, já praticada ao século XV.

Até ao século XVII, o cortejo do «boi gordo» percorria as ruas da capital numa quinta-feira, passando depois para a Terça-Feira de Carnaval. O costume desapareceu em 1790, mas foi reintroduzido por Napoleão.

A maior bagunça carnavalesca, que deixava a do Rio de Janeiro a anos luz de distância, teve lugar durante o reinado de Luís XIV, embora tanto Henrique III como Henrique IV fossem seus entusiásticos partidários: mascaravam-se e iam para o meio do povo, com os seus cortesãos, fazendo e participando em mil loucuras.

EM PORTUGAL

Não se pense que se esgotou aqui o assunto — pelo contrário, apenas se apresentaram alguns dados essenciais, deixando de lado não só o Oriente como o Novo Mundo, sobretudo a América Latina, para onde se poderia, erradamente, pensar que portugueses e espanhóis levaram esta festa.

Seria, no entanto, falha imperdoável não apresentar aqui, resumidamente, alguns aspectos do Carnaval à portuguesa, recordando de caminho a «serração da velha» ainda praticada em Darque e noutros locais do País e os jovens, com máscaras talhadas em madeira, que em algumas aldeias serranas vituperam, à noite, os habitantes, recordando alto e bom som os casos indignos, ou escabrosos, ocorridos durante o ano.

O Carnaval português foi, em tempos idos, porco e brutal e por isso os editais limitando estes brinquedos vêm já de 1817 diz, preconceituosa, a

Grande Enciclopédia Luso-Brasileira. Acrescenta que se lutava nas ruas sendo as armas ovos de gema, as suas cascas contendo farinha ou gesso, cartuchos de pó de goma, cabaças de cera com água de cheiro, tremoços, tubos de vidro ou de cartão para os soprar com violência; milho e feijão que se despejavam aos alqueires sobre as cabeças dos transeuntes.

Da panóplia carnavalesca constava, ainda, luvas com areia destinadas a cair de chofre sobre os chapéus altos ou de coco dos passantes pouco previdentes. E até, imagine-se!, se jogava o entrudo com laranjas, tangerinas e mesmo com pastéis de nata e outros bolos!

Como se não bastasse, havia o hábito de se atirarem janela fora os trastes velhos, púcaros, tachos e alguidares já em desuso como também se faz no último dia do ano, no intuito de acabar com tudo velho que haja em casa, diz o enciclopedista lusitano, amante das boas maneiras. Tanto assim que louva a «civilização» do Entrudo, nos fins do séc. XIX, em Lisboa e no Porto. Mas, a partir desta data, a história dos *ché-ché* dos *Zés-nabos* das cegadas e paródias é demasiado conhecida para ser necessário recordá-la agora.

Do velho Carnaval português falaram autores como o Padre António Vieira — que lhe verberou o «tumulto» bem como o «gosto, apetite depravado, intemperança de gula, enfim carne», Alberto Pimentel e Fialho de Almeida.

A festa começou a ser fechada por leis cada vez mais severas. O artigo 235 do Código Penal salazarista proíbe «andar em trajos próprios para sexo diferente» (seis meses de prisão). Em Janeiro de 1948, o governador civil de Lisboa proíbe manifestações de rua com carácter popular e atira os foliões para entre paredes. Legislação repressiva sobre as máscaras e os trajos «ofensivos da religião, da moral e dos bons costumes», bem como o uso de fardas por quem a elas não tinha direito, completa o cerco feito pelo Estado Novo até a estes três dias de liberdade...

Assim, o Carnaval português abafou-se e atabafou-se, até ser «descoberto» pelas regiões de turismo como meio de «promoção», com direito a rei ou rainha importado directamente de uma das últimas telenovelas.

Longe, longe, ecoa inda o grito das bacantes:

Evoeh! Evoeh! Evoeh! □